

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

NINA BECKER LEWKOWICZ

matéria viva

escrituras do corpo, políticas da palavra

PORTO ALEGRE

2018

é dada a partida e a chegada.

pelo estar aqui, agradeço à força-vida-morte que me faz enquanto presença e carne.

agradeço à bruna, pelo constante devir-mãe-irmã-amiga, por permanecer, por dizer a verdade, pela força; ao jú, por me reconciliar com deus; à rita, por ser irmã de carne e opção, compartilhando a vontade de sermos outras pra nós; à alice e ao sérgio, que na condição de meus pais entregaram-me um mundo que pôde ser vários e isso é inestimável; à rosa, pela criação, pela ética, pelo alimento; à gabi, bailarina no abismo, companheira de amor, luta, escrita e escritura, pela coragem que me dá. ao lorenzo, que me ensinou que o amor é a dimensão e a expressão do espírito, onde o corpo encontra suas potências máximas, pelas letras e cordas de violão, pela juventude e por essa água toda; à paula pelo ensino sem fim, pelos novos filtros de ver o mundo, pela aposta e confiança; à equipe do crdh que muito tem de ver com essa escrita, em especial à cris, sandra e fabi, que me mostraram que lucidez ainda existe e a todas as pessoas que me aconteceram em função de estar lá; ao coletivo arruaça pelo acreditar e experimentar juntos e pela dança do fim do mundo; ao bondi monstruosx, pelo exercício da alteridade y por la discidencia; ao dap/dasein pelo aprender infinito; ao erep pela construção de utopias coletivas; à liss e à annie por me serem casa em casa, pelo ouvido e pelo coração; à maria, mulher forte; à jamin, pela coragem, verdade e integridade desenhadas em rosto de menina; ao tom, pela semelhança e diferença; às bda's, pela parceria na madrugada; à vick, pela poesia compartilhada; à cecília, à jô e à isa, por crescermos juntas; aos amores possíveis e impossíveis; ao silêncio; aos carnavais; aos orgasmos matinais; ao que deu errado; à derrota; à esperança; ao sossego; ao sol, fogo; à nuvem, água; ao vento, ar; à gaia, terra; ao mistério; à solidariedade; ao pó de estrela que nos faz humanidade.

galope

Acordo em estado de dicionário. Sei que enquanto não escrever meus ombros continuarão como as lombadas duras das capas. Definitivamente é hora de acordar e meus olhos se desprendem de alegria quando sacudo os pés pra um lado e outro, e ainda no colchão os olhos desprendem das órbitas e começam a me olhar. Depois do café, chego na pia da casa de banho e tenho que lavar os dentes. A escova, escova. A pasta quase acabando, da próxima vez *Colgate* não, *Couto*. *Couto* é portuguesa. Tiro todo o açúcar do café depois do pequeno-almoço para as cáries não corroerem todos os meus dentes. Não que eu não tenha amor pelas coisas que vivem. Não que a putrefação não seja uma forma, tão pouco sutil forma, de vida. Não que eu ache que seja capaz de conter o destino das coisas, dos meus dentes, mas definitivamente meus poemas mentais são melhores do que os escritos. O que provocará certamente em quem lê uma vontade de estar por dentro do meu corpo, das minhas órbitas, dos meus pés. Coisa que eu até que gostaria. Por não ter onde ser colocada na minha retirada de dentro para a sua entrada, eu teria, definitivamente, como aquele cavalo que saiu da aldeia, definitivamente eu teria fugido.

(julia hansen, 2012)

há uma certa
identidade que persiste mas
que também se vai
a cada tanto
por certo tempo ou
certa duração
um pedacinho de mim
que fica e que
vai
a cada tanto
e bate na tua porta
esquecendo que existiu um
ontem e possivelmente
um
amanhã
uma batida na porta
sem pretensão
sem permissão
uma batida na porta
pra sair correndo
um pouco pirraça
um pouco medo
minha loucura
minha discrição
escancarada
– OPS!
escapou

a calcinha por debaixo da

saia

você viu

me denunciou ou

fui eu

mesma

quem denunciou

o ponto fraco

do meu pescoço

aquele tanto que permanece

e aquilo que se esvai

~

um fragmento é tudo o que não coube ali.

~

esse é um trabalho sobre escrituras do corpo. a costura se dará entre a política nacional de atenção integral à saúde da mulher (brasil, 2003), fragmentos da literatura feminista e a minha própria palavra.

~

o exercício de escrita que aqui se apresenta é, ao pé da letra, uma costura dos retalhos dos meus dias. na busca por uma linha que pudesse fazer com que esses pedaços se pendurassem juntos, encontrei alguns seres-escritas que me muniram e acompanharam nessa fazedura. conceição evaristo, com sua proposição acerca da *escrevivência*, traz uma dimensão fundamental para esse texto: a escrita e a vivência se fundem no ato de escrever. conceição cunha o termo relacionando-o com a trajetória de mulheres negras e suas produções literárias, apontando a potência dessa escrita que é indissociável do vivido, do experienciado. tomar o lugar da palavra, nessa perspectiva, assume uma radicalidade transformadora. “Toma-se o *lugar da escrita*, como direito, assim como se toma o *lugar da vida*”

(evaristo, 2005, p.6). a noção de *escrevivência*, portanto, perpassará meu escrito todo, justamente buscando fazer os nós entre os vários pedaços de mim do mundo que aqui se personificam. “surge a fala de um corpo que não é apenas *descrito*, mas antes de tudo *vivido*.” (idem) a intenção não é a de transpor o conceito para minha própria vivência, como se pudesse ser entendido, da mesma forma, em minha experiência racial enquanto branca. utilizo a noção de *escrevivência* para colocar(me) corpo nas apostas analíticas que proponho neste trabalho, buscando explicitar qual a vivência está colocada nesta escrita, jamais isenta de história e implicações.

outra linha que se sobrepõe, se atravessa, faz nó nesse trabalho é a ideia de corpo múltiplo, cunhada por anne-marie mol (2002). o que ela propõe, a partir de etnografias principalmente no campo da biomedicina (hospitais, consultórios, etc.), é pensar que as práticas biomédicas fazem, performam (*enact*) múltiplas versões de corpo. o que ela defende, portanto, é que não é exatamente o mesmo corpo que é descrito e nem a mesma doença, dependendo de qual área da medicina está em questão ou o contexto semiótico-material envolvido. ao mesmo tempo, esse corpo permanece um conjunto, um sistema agrupado. a ideia é que práticas – nesse caso, aquelas da biomedicina - dirigidas a um corpo produzem corpos, materializam e concretizam *realidades múltiplas*. as *realidades*, são atuadas e performadas no consultório, no laboratório, nos corredores. o que incorporo de mol, então, é a noção de corpo múltiplo. os estímulos todos que se materializam aqui comportam multiplicidades e materialidades, performadas constantemente no imperativo máximo da diferenciação. alguns se aproximam em conteúdo, outros em forma, ou cor, ou se afastam radicalmente. mas todos *fazem* a realidade ao interagirem no mundo, nas peles de papel, nas nossas camas, às vezes dentro do armário.

há o perigo de ler-se essa ideia como um pluralismo quase relativista, mas não é o caso. a questão aqui é político-ontológica, no sentido de que o real está em disputa o tempo inteiro. nessa perspectiva, as tensões políticas interferem no real constantemente, modulando-o e articulando diferentes realidades. ao “escolher” (coloco entre aspas porque, nessa leitura de mundo, a noção de escolha é questionada, no sentido de não supor a existência de uma realidade “pré-escolha”)

tensionar, interferir, disputamos a realidade e damos a ela forma-conteúdo-circulação-materialidade.

~

isso não é uma metodologia

fragmentos; experimentação; aqui a escrita será operada enquanto laboratório; a experimentação na escrita é o próprio método de investigação; nessa busca, algumas observações precisam ser feitas: a brincadeira será utilizada como método; assim como a “desescritura”, a colagem, o quebra-cabeças. tomando o texto da política nacional de saúde integral da mulher como substrato, rearranjei as palavras e expressões procurando outras conexões e nexos possíveis a partir do enunciado ali circunscrito. a brincadeira com as palavras é ferramenta para investigar que versões (e, portanto) ontologias estão colocadas ali e que outras podem ser conformadas ou desarticuladas a partir daqueles elementos e das nossas interferências. o texto original será apresentado na íntegra, ao lado do “resultado” da acoplagem/brincadeira/implosão. é uma investigação que tem a intenção de ensaiar¹ possibilidades emancipatórias na relação com a linguagem e, conseqüentemente, com o mundo. a própria escrita do trabalho é, em si, a atuação de uma aposta metodológica. nisso agradeço as contribuições de lorenzo ganzo galarça, que numa escrevivência extremamente sensível de mundo, apontou-me a necessidade de que radicalizemos nossos métodos, pois os esquemas que conhecemos talvez já não nos bastem, a invenção só é possível na experimentação. sueli rolnik (1989) vai dizer que a linguagem “não é um veículo de mensagens-e-salvação. ela é, em si mesma, criação de mundos.” a própria forma que “escolhemos” de escrever é uma “escolha” ética-estética-política.

~

o método da montagem/edição do texto foi feito nos moldes do quebra-cabeças. as peças foram todas dispostas no chão e foram sendo encaixadas de acordo com o formato, a proximidade, a continuidade/descontinuidade.

~

¹ evidentemente bebo da fonte de larrosa (2003 e 2004) que propõe o ensaio enquanto forma emancipatória de escrita a partir de e com a noção de ensaio em foucault (1980).

ESCREVER. enganos profundos, debates e impasses que provocam o desejo de “exprimir” o sentimento amoroso numa criação (notadamente de escritura).

~

autoria. esforcei-me para nomear as convergências todas desse escrito, mas, sem dúvida alguma, várias delas escaparam porque a mim me escapam. a autoria é sempre compartilhada, e tudo o que já me cruzou se atualiza no agora. nem sempre se consegue encontrar a origem, a remetência, a assinatura. muitas das referências com certeza se perderam em esquinas por aí, em mesas de bar, na pista de dança. a fagocitose é um método de alimentação antigo e amplamente utilizado. de modo que, frequentemente, a matéria se transforma em outra coisa, já não sendo aquilo que era.

~

a vida é feita dos encontros (já dizia o poeta), dos acontecimentos (que se dão no encontro, com tudo o que não sou eu: um outro sujeito, uma pedra, um pé de tomate, uma palavra, alguma expressão de deus na terra) e das experiências. uma das dimensões de experiência que será operada ao longo dessa aposta escrita é a que michel foucault propõe em uma entrevista já na década de 80. ele coloca que uma experiência é “qualquer coisa de que se sai transformado” (Foucault, 1980, p.289). e ao ser questionado se essa afirmação não postava a experiência somente no campo da individualidade, ele responde que “uma experiência é algo que fazemos inteiramente sós, mas só podemos fazê-la na medida em que escapará à pura subjetividade, em que outros poderão, não digo retomá-la exatamente, mas, ao menos, cruzá-la e atravessá-la de novo” (idem, p.295). minha aposta é que, ao tecer as conexões que seguirão, possa-se atravessar de novo, retomar alguns pontos por onde passei e experimentar essa viagem com quem aqui me lê.

ciência. não tenho como fazer algo de meu objeto se este não for de alguma forma parte de mim. um tcc é, afinal de contas, a materialização de um projeto [de vida] que, para mim, não cabe em um projeto alheio ao que me consome, que me nutre, que me transforma no que estou sendo agora. ser é ser em relação. se é algo em determinado lugar e com algumas coisas, e se é outra coisa em outro, com outras

entidades que se relacionam; o ser é *local* e não *universal*. (ainda na companhia de mol).

“Como escrever senão sobre aquilo que não se sabe ou que se sabe mal? Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que *transforma um no outro*.”

deleuze (1988, p.10)

construímos identidades e corpos numa imbricação híbrida e multivetorial/fatorial que se atualiza no presente. minha construção passa pela militância e por uma sensação de nunca me sentir suficientemente militante. poderia ser mais, *deveria* ser mais, estar mais presente, apropriar-me mais. afinal, olha da onde tu vens, não podes estar acomodada no teu lugar. teve um momento de negação também. mas esse nunca se sentir suficientemente lá talvez carregue consigo uma potência, um movimento de ainda se colocar em algum lugar, mesmo que não se saiba bem onde. foucault (2010) aponta algo no mesmo sentido que a fala de deleuze acima exposta, dizendo que se escrevesse algo já sabendo o conteúdo e o resultado do livro, não faria sentido escrever. coloca que escrever e ler um livro é um experiência e, portanto, um processo transformador. transformamo-nos a nós mesmas ao colocar-nos no exercício da escrita. no que dará? segue mistério.

~

nesse jogo de relações, aciono as identidades que me constituem ora de determinada forma, ora de outra. mulher. branca. sapatão. bissexual. ryca. hippie. acadêmica. militante. ativista. drogada..... podemos pensar que acionamos certas categorias identitárias como estratégia política e como devir. à necessidade militante de afirmação, garantia e conquista de direitos, sobrepõe-se e se contradiz, em outro momento/espço/agenciamento de realidade, a desconstrução dessa lógica identitária de percepção das e dos sujeitas/os. muito embriagada das proposições dos queridos da filosofia da diferença (deleuze e guatarri) e dos anjos (2008) que me ajuda a pensar a relação identidade X corpo

nômade.² essa contradição aparece no lugar que ocupo no mundo, que, justamente, já tem privilégios político-ontológicos garantidos.

ontológico no sentido de que meu estatuto de ser, quando o assunto é raça, não está rebaixado na relação com o outro. e como, no brasil, as relações são necessariamente racializadas, meu estatuto de ser está, assim, garantido (sueli carneiro, 2005). a noção de raça aqui tomada é aquela colocada por dos anjos (2008) em que raças são *perspectivas* que circulam por uma diversidade de corpos.

político no sentido de acesso a bens e serviços, circulação, cidadania, acesso à informação, etc., mas também em um sentido mais amplo, em que o viver se apresenta enquanto ato político, enquanto fazedura constante de sentidos e significações, em agenciamentos de possibilidades e de ações/enunciações. nesse sentido, pensar as identidades como estratégia que, logo após serem acionadas, dissolvem-se na mesma medida em que se constituem, parece-me uma saída interessante e, ao mesmo tempo, um não enrijecimento em categorias que, inevitavelmente, aprisionam-nos e essencializam. essa ideia, além de vir de uma vivência da rua, da luta, do ativismo, também vem de conversas com as ludittas sexxuales³, que propõem algo por aí no nosso fazer/ser político. nesse sentido, o saber que vem dos textos e dos atos me acontecem enquanto experiência, e se misturam, confundem-se, fundem-se e fundam-se mutuamente.

através da proposição disso que se está chamando políticas ontológicas, a partir da leitura de mol, o viver toma uma dimensão política, invariavelmente. a concepção de uma realidade que não seja tensionada e materializada através da experiência política é abandonada. e se nosso fazer é sempre político, ao fazer-nos e performarmo-nos, vislumbramos a possibilidade de ser outras e outros. a militância, o ativismo se engendram aqui com uma dimensão ontológica, no sentido de realmente performar (ou vislumbrar, reivindicar) uma outra realidade.

ao falar sobre maio de 68, foucault coloca: “desejávamos um mundo e uma sociedade não somente diferentes, mas *outros* para *nós mesmos*. queríamos ser

² para ver mais: *a filosofia política da religiosidade afro-brasileira como patrimônio cultural africano* (dos anjos, 2008)

³ ludittas sexxuales é uma assinatura que remete a um grupo de amigxs, afins, que tendem para o anarquismo e que sustentam que um livro é sempre escrito por uma constelação. É um conceito, um meio para adquirir uma posição na guerra em curso, para acabar com as máquinas sexuais instituídas. nessa assinatura, ou também como manada de lobxs, encontram-se algumas publicações, como a que me refiro aqui “foucault para encapuchadas” (2014).

completamente outros em um mundo completamente outro". (foucault, 2010, p.298)

junho de 2013 tinha algo disso também.

~

eu vim fazer uma denúncia. uma denúncia de todas as vezes que me abriram a porta e disseram: seja bem-vinda! uma denúncia de todas as vezes que passei por um pm e ele assentiu com a cabeça pra mim. uma denúncia de todas as vezes que o segurança do supermercado não me seguiu. uma denúncia de todas as vezes que não atravessaram a rua quando viram meus olhinhos azuis na contramão. uma denúncia de todas as vezes que respeitaram o que eu falava em meio à multidão de caras pálidas. uma denúncia de todas as vezes que meu peito não sangrou na calçada. uma denúncia de todas as vezes que fui ninada enquanto os filhos dela levavam bala. uma denúncia de todas as vezes em que pude pagar por atendimento médico, ou ser atendida prontamente em um hospital público. uma denúncia de todas as vezes em que fiquei tranquila na sala de espera, com a certeza de que ia ser "nina!" que iam gritar ao me chamarem para a consulta. uma denúncia da não urgência que pude ter na vida e sentar no café e ler bons livros e comer salmão e conhecer o coliseu. ou o próprio centro da cidade. uma denúncia da minha da nossa boa e velha hipocrisia. que mata.

~

deparar-se consigo mesma é um ato de coragem. deparar-se com a outra é deparar-se com o abismo. deparar-me comigo mesma foi o abismo mais radical que eu já experimentei. e aí já era outra.

~

ainda olhando pras contradições, me deparo, com frequência, com o posicionamento anti-estado X estatista. grande parte das minhas experiências profissionais se deram na esfera do serviço público na execução de políticas públicas que são fundamentais na garantia de direitos sociais e civis. ao mesmo tempo, estando dentro e sendo parte desses serviços, o tempo todo é escancarada a perversidade, crueldade e incapacidade do estado nas suas premissas mais

básicas. na conversa com foucault, essa contradição fica explícita e dá aquele incômodo no dia-a-dia de *ser* uma faceta estado. estado este que é composto por uma série de embates e forças que nem sempre convergem ou alinham-se. nesse sentido, performamos *uma* forma de ser o estado, que também comporta várias dentro de si, além de todas as outras que cotidianamente são atuadas nas diferentes repartições. estar ciente de que faço parte dos regimes de governamentalidade e, conseqüentemente, do controle e esquadramento dos corpos, mas também das ações que garantem o acesso de pessoas a bens, serviços, ideias, lugares, informação, sociabilidade, comida, teto, etc., etc., coloca-me em um lugar incomodo e me faz pensar. e, bom, esse escrito é justamente uma proposta ao *exercício do pensamento*. (ricardo ceccim e alcindo ferla, 2008)

~

essa escrita é composta por academia, formalidade, pesquisa, institucionalidade, texto, europa, mas também é por matéria pulsante, saliva, rua, asfalto, (busca de) autonomia, luta, indignação, desespero... Ok. Isso tudo é muito bonito, mas materializa-se aqui o exercício de produzir um trabalho de conclusão de curso e isso carrega consigo algumas prerrogativas. Afinal de contas, qual é minha pergunta?

meu último local de estágio tem um lugar bastante importante na construção do “objeto” do tcc. meu trabalho foi em um centro de referência em direitos humanos da defensoria pública, em que o enfoque principal eram mulheres em situação de violência doméstica e violações de direitos praticadas pelo estado. sentia a necessidade de “dar conta” da “realidade” para que ela não ficasse insuportável. nesse fazer dos dias, a literatura apareceu e poderia ser entendida como “escape”. mas, ao contrário, ela invadiu e invade aquela realidade e pôde e pode transformá-la.

“não queremos ser mais esta humanidade”. o trampo trazia uma dimensão da *crueza* da realidade, deixando-me ausente de inventividade e abundante de perguntas.

como são possíveis essas performatividades? como elas cabem na nossa trama laços acordos coletivos? de que modo e através de quais mecanismos essa realidade é constituída?

“escolhi” o estado, esses textos, esses excertos, recortes de mundo, mas poderiam ser outros, ao comporem, tecerem e tensionarem esses fenômenos. isso significa que aqui também se forja outra ficção, a partir do caldo em que estou envolvida⁴.

meu interesse é na intersecção⁵ de disputas linguísticas, sonoras, olfativas, vibratórias, místicas em que versões diferentes do ser mulher coabitam um corpo, uma política, um verso.

~

errata

um fragmento é tudo que coube aqui.

~

acredito que a construção de um ‘objeto’ de pesquisa pode carregar consigo várias problemáticas. a noção de um ‘outro’ objetificável quali ou quantitativamente pode ter traços coloniais extremamente marcados. a separação eu x outro, em um contexto acadêmico em que as relações de poder estão colocadas de forma assimétrica, reforçam uma estagnação nos lugares de saber, aquele que sabe, aquele que faz, aquele que pesquisa, aquele que tem a vivência e aquele que fala sobre ela e aí a legitima. nesse sentido, há um sujeito que sabe e um sujeito que é sabido. mol propõe uma saída, uma possível dissolução: espalhar o conhecimento (inclusive pros objetos), colocar-se em perspectiva.

temos diversos exemplos disso, com as melhores teses e dissertações que encontramos pelas bibliotecas das mais renomadas universidades, em que o corpo negro, pobre, marginalizado é colocado como objeto e, mais uma vez, é rebaixado seu estatuto de ser. (retomando sueli carneiro, 2005). no campo das questões trans também, e que pesquisadoras e pesquisadores cis tomam o lugar da palavra e

⁴ [“querer escrever é enfrentar a *desordem* da linguagem: essa região tumultuada onde a linguagem é ao mesmo tempo demais e demasiadamente pouca (...)”] (roland barthes, 1994, p.93).

⁵ Para buscar mais a respeito da discussão sobre interseccionalidade, conferir kimberley creenshaw (2004) e avtar brah (2006).

objetificam essas experiências. além da própria ciência androcêntrica, em que o falar sobre mulheres tradicionalmente vem dos homens.

~

marlene foi ao cinema sábado à tarde. buscava na tela grande as respostas pra todas as perguntas. marlene saiu #chateada. só encontrou um bando de gente branca falando bobagem.

~

vivemos em um estado-nação que é composto de uma série de elementos históricos, culturais, geográficos, econômicos, coloniais. a lógica de governamentalidade vigente é a da segurança, mesmo que permaneçam formas de governo ainda atreladas ao que foucault (1978) chamou de poder pastoral e poder disciplinar. todas essas tecnologias e formas de governo nos atravessam e compõem o emaranhado do nosso campo existencial, nossos corpos, nossa expressão, nosso ser/estar no mundo.

nesse sentido, nosso desejo também é produzido dentro/a partir desse caldo todo que nos compõe, tornando-se, pois, substrato para a análise e para a produção de certos apontamentos acerca do nosso modo de vida, do que estamos produzindo enquanto sujeitos no mundo, do que estamos produzindo enquanto ciência, enquanto psicologia, enquanto agentes biopolíticos.

~

felicidade como razão de estado I

sara ahmed (2008) aponta que a noção que temos de felicidade tem origem na idade média e traz consigo implicações bastante importantes nas conformações do desejo e no que fazemos de nossa vida. essa “origem” é interessante de ser pensada, pois se deixa de tomar a felicidade como algo que *pode nos acontecer*, ponto. e passa-se a entendê-la como algo que pode nos acontecer *se* fizermos determinadas coisas, agirmos de determinada forma, desejarmos determinados objetos.

~

“mostre-me quem devo desejar”

INDUÇÃO. o ser amado é desejado porque um outro ou outros mostraram ao sujeito que ele é desejável: por mais especial que seja, o desejo amoroso é descoberto por indução.

política como literatura do corpo

são séculos de estado, esse que se faz estadia para nós, leito, casa, um estado de ser e de estar, uma localização geográfica [sertão, caatinga, cerrado, campo, mata, mata dos cocais, de araucárias e atlântica, floresta amazônica, litoral, pantanal]. uma governança, por muito e até hoje cercada de governantas brancas, as pretas não chegam a tanto; palácio, uma população de 200 milhões, um voto, a urna, o desejo que não cabe nela. um contrato, códigos, a lei dos homens, as leis dos homens, nossa inscrição nos cadastros, no real, as moedas de troca, nossa corporeidade que se forja no seio dessas inscrições.

o estado enquanto garantidor que surge , o decalque (deleuze e guatarri, 2010) importante, por vezes fundante -da possibilidade de viver, de circular, de comer, de saber- decalque que também compõe nossa materialidade, nossa carne. São muitos os que me atravessam, marcados mais ou menos pela cor da minha pele, por minha genitália, por minha moradia, pelo ventre que nasci, pelo produto que consumo no supermercado ou na feira orgânica, etc. eis que, de todos os fios (ou as palavras) possíveis que poderia agarrar para me debruçar no exercício do pensamento, para criar também uma ficção nessas peles de papel (pegando o termo de davi kopenawa, 2015), a parte mulher de mim escolhe a política nacional de atenção integral à saúde da mulher (brasil, 2003) como textualidade privilegiada para tentar destrinchar quais multiplicidades do corpo *mulher* estão sendo performadas, e, portanto, materializadas, a partir de e nesse documento. dito de outra forma, a busca se dá em pensar através da *palavra* do estado que corpo múltiplo é esse que as políticas públicas, ao pretenderem “descrever”, constituem e concretizam enquanto matéria.

ao percorrer o texto em questão, vamos pescando alguns pontos nodais dos pressupostos ali colocados. assim como em um romance, as personagens vão sendo apresentadas, os elementos vão se encadeando, uma história é contada. nossa atenção pode se voltar para os indicadores de saúde, os diagnósticos de acesso, as principais causas de morte “feminina”, o câncer de colo do útero, as pneumonias, as IST’s de maior incidência nessa população, etc., assim como poderíamos voltar nossa atenção e deter-nos na imagem da senhora do interior de pernambuco que teve um infarto no miocárdio devido à sua alimentação. vejo-a

sentada na cozinha com fogão à lenha, canaviais ao fundo, a pele enrijecida pelo trabalho no campo, as pontas dos dedos que já sentem pouco da textura dos objetos, o prato do cozido no centro da mesa, o olhar no horizonte. parece-me que pensa nos filhos que foram para a cidade em busca de uma vida melhor, ou nos que foram construir Brasília, ou talvez ela pense no aborto silencioso e escondido que ela mesma realizou - sem contar para o marido e nem mesmo para as cabras magras que pastam ali ao lado- evitando, assim, que o homem espancasse mais uma criança nesse mundo. uma leitura ou outra, e essa é a defesa aqui atuada (*enact*, mol, 2002), não se relaciona com graus de veracidade, mais ou menos realidade, elas justamente integram-se formando esse corpo múltiplo, nesse caso, o da política de estado (ou uma tentativa de que sejam políticas de estado, mas que na conjuntura atual cada vez mais aparecem como políticas de governo em que nada está “garantido”).

corpo população I

as doenças, os indicadores de saúde, os diagnósticos nela expostos são baseados em dados estatísticos. essa forma de governo, como aponta Foucault (1978), opera através do dispositivo de segurança. ao utilizar-se desses números, aposta-se na intervenção em um plano *virtual*. evitar aquilo que *pode vir a* acontecer, trabalhar com prevenção, promoção de saúde. essa forma de atuar aponta a lógica de governo que entende e, portanto, forja, um corpo que se “agrupa” em vários, tornando-se população. é um corpo múltiplo, efeito da coordenação de diversos corpos, e, ao mesmo tempo, um corpo que se agrupa com outros tornando-se também população enquanto grupalidade. as políticas programadas pretendem atingir cada corpo individualmente, mas, ao mesmo tempo, entendem-no como parte dessa massa que cabe em 40, 70 ou 22,3%. nesse sentido, as políticas vão se voltar mais ou menos para determinada região, respeitando os índices por ela apresentados, as maiores causas de morte, os partos considerados de maior ou menor risco, as ISTs mais transmitidas. não aponto isso como forma de criticar rasamente o funcionamento do estado - ou os dispositivos biopolíticos que o compõem - , até porque "o estado", enquanto entidade apartada e não fissurada, pode também ser considerado uma ficção, e também porque o estado enquanto entidade múltipla carrega outros vetores de atuação, de produção de corpos e

existências. esses apontamentos visam, pois, destrinchar essa concepção/produção maquínico-literária de corpos no bojo de uma política pública do estado brasileiro. olhar para isso, para as contradições, as amarras, os nós e perceber que práticas estão colocadas ali, quem estamos sendo (já que muito da minha trajetória passa pelo universo da política pública – desde a universidade até os campos de estágio, assim como algumas de minhas reivindicações militantes que evocam o estado) e quem estamos querendo ser e querendo que o outro seja, que o mundo seja.

~

a regra é a exceção, a exceção vem pra confirmar a regra. meu corpo é regra e exceção, seu peito no meu é regra e a melhor das exceções. dormi ao teu lado, acordei sozinha. a casa tem sete portas e eu seis chaves. eu quero mesmo é arrombar tudo.

~

ana viu uma luz no fim do túnel ontem a noite. Depois ela disse que estava equivocada. Era uma lanterna da pm que veio acompanhada de: LEVANTA VAGABUNDA! CHEGOU A TUA HORA!

~

enfoque gênero⁶

as mulheres trabalham durante mais horas

metade do seu tempo é gasto

levando em consideração as históricas desigualdades

⁶ “Há concepções mais restritas que abordam apenas aspectos da biologia e anatomia do corpo feminino e outras mais amplas que interagem com dimensões dos direitos humanos e questões relacionadas à cidadania. [...] a saúde reprodutiva foi definida como um estado de completo bem-estar físico, mental e social em todas as matérias concernentes ao sistema reprodutivo, suas funções e processos, e não apenas mera ausência de doença ou enfermidade. [...] Isso implica em afirmar que o perfil de saúde e doença varia no tempo e no espaço, de acordo com o grau de desenvolvimento econômico, social e humano de cada região. O relatório sobre a situação da População Mundial (2002) demonstra que o número de mulheres que vivem em situação de pobreza é superior ao de homens, que as mulheres trabalham durante mais horas do que os homens e que, pelo menos, metade do seu tempo é gasto em atividades não remuneradas, o que diminui o seu acesso aos bens sociais, inclusive aos serviços de saúde. [...] Levando em consideração que as históricas desigualdades de poder entre homens e mulheres implicam num forte impacto nas condições de saúde destas últimas.” (brasil,2003, p.11)

de poder
bem-estar
varia
no tempo e no espaço
intimamente relacionadas
à forma primeira de
anatomia
~

corpo cindido

mais adiante, ou antes, já não importa muito, pois é justamente algo que perpassa o documento todo, percebe-se uma noção imperante: a separação biológico X social (sexo X gênero, natureza X cultura). podemos percebê-la tanto no que tange ao diagnóstico em saúde: “A vulnerabilidade feminina frente a certas doenças e causas de morte está mais relacionada com a situação de discriminação na sociedade do que com fatores biológicos.” (brasil, 2003, p.9); quanto na própria definição de gênero ali exposta: “O gênero é uma construção social sobreposta a um corpo sexuado”. essa demarcação (pensada como a de terra mesmo, em que se delimita um espaço, um terreno, um campo) estabelece formas de entendimento da doença, assim como protocolos de intervenção, diagnósticos da nascença de determinada condição, assim como territórios em que as atuações do estado estariam mais preocupadas com uma ou outra dimensão. essa separação traz consigo uma ideia de que existe uma “origem” no corpo, e, assim como explicita butler (2011), indica uma essência das corporalidades. não se trata de negar a materialidade, pelo contrário, é levá-la a sua radicalidade. o pedaço de carne na barriga dessas mães (justamente objetos dessa política) já é generificado desde o princípio. como aponta a filósofa, o sexo sempre foi gênero, sua versão naturalizada. mas, como a própria autora coloca, apontar que o sexo sempre foi gênero não explica, por si só, como se constituem essas entidades sexuadas. a política nacional se configura, então, em um dos agentes de produção dessas materialidades, da diferenciação sexual, da cisnormatividade, dentre outras. nesse

sentido, problematizar a noção de uma natureza anterior ao social, é criar uma outra ficção sobre nossa constituição enquanto mulheres cis, homens cis, travestis, mulheres e homens transexuais, pessoas não-binárias, etc. isso não significa que a noção presente na política não esteja fabricando corporificações. justamente ao afirmar a demarcação, afirma-se que esse corpo de alguma forma “se pendura” junto, se costura, se faz um nessa dualidade pressuposta.

~

corpo que pare I

costurada com a noção do corpo cindido, aparece a versão *mãe* de mulher. afinal, se pare. emerge também a ideia de que só mulheres parem, colando uma noção de mulher=útero. todas nossas vidinhas saíram de uma barriga, nosso umbigo está aí para confirma-lo, o cordão mais ou menos cortado, a placenta, o útero. e como performa o texto, mais da metade da população brasileira tem um útero, fazendo com que seja problema do estado a maneira como esses se comportam. seja gerando filhos, criando câncer ou sendo extraído.

~

aborto ⁷

clandestinas

frequentes

curiosas

complicações imediatas

perfuração do útero

hemorragia

⁷ “Pela representação simbólica da maternidade, como essência da condição idealizada do ser mulher e da realização feminina, o aborto pode sugerir uma recusa da maternidade e por isso pode ser recebido com muitas restrições por parte dos profissionais de saúde. [...] As complicações imediatas mais frequentes são a perfuração do útero, a hemorragia e a infecção, que podem levar a graus distintos de morbidade e mortalidade (LANGER, 2001). Pesquisa realizada no Brasil, por Hardy e Costa, estimou que 20% dos abortos clandestinos, realizados por profissional médico em clínicas, e 50% dos abortos domiciliares, realizados pela própria mulher ou por curiosas, apresentam complicações.”(brasil, 2003, p.31)

infecção

mortalidade

graus distintos

20%

do ser

mulher

~

rebeca mendes é uma mulher de trinta anos, grávida, moradora da periferia da cidade de são paulo, mãe de dois filhos e prestes a ficar desempregada. rebeca peticionou ação judicial solicitando realizar interrupção da gravidez pelo SUS, alegando diversas condições da sua vida para justificar seu pedido. foi negado. através do Instituto anis de bioética, sua história incorporou a tag #euvoucontar, que conta em 1ª pessoa situações de abortamento já realizados. rebeca completava sete semanas de gravidez no dia 07/12/17. seu pedido agora é por não criminalização. Velas ao mastro, o vento de moralismo, morte e hipocrisia é denso e tóxico.

~

o corpo que pare II

os direitos sexuais e reprodutivos garantidos pela constituição de 1988 aparecem aqui como objeto de ação do estado, de forma a garanti-los, por meio de promoção, assim como, paradoxalmente, de não intervenção desse mesmo estado. o que aparece, articulada com a primeira versão aqui exposta – o corpo população -, é como esse lugar do ser mulher é entendido e operado pelo estado. Se todas somos potencialmente mães (e sim, a política em diversos momentos cola a noção de mulher à noção de útero, apesar de criticar essa forma de gestão das políticas de saúde direcionadas, conforme feitas até então), nosso útero deve ser, no mínimo, quantificado, observado, controlado. as práticas eugenistas do estado nazista, como bem mostra o filme homo sapiens 1900 de peter cohen (1998) já apontavam

para a necessidade de esquadrihar o corpo da mulher de forma a gerir a população, especialmente no que concerne a sua reprodução. situações recentes, como de mulheres judias etíopes que são forçadas a fazer uso de medicamento contraceptivo em israel e aquelas em situação de prisão na califórnia⁸, operam zonas de exceção “aceitáveis” dentro das experiências de estado que vivemos e nos rodeiam. é nessas linhas de intersecção que a realidade é forjada, performada.

~

com quem ela transa? e como? você gosta de quatro, meu bem? perdeu a virgindade aos 12, aos 14? vá à doutora, ao doutor, o posto é logo ali, tome sua injeção, liberte-se, ora! aquela libertação sexual ‘feminina’ nos serviu? tomou seu remedinho hoje? a pílula do dia seguinte amanhã?

~

“Que cool, que cool é esse?
Quem quer cair dentro dele?
Que cool, que cool é esse?
Quem quer cair dentro dele?
Primeiro põe um pé, o outro
Depois cai dentro
Mas que cool aconchegante,
Parece um acampamento
Primeiro põe um pé, o outro
Depois cai dentro
Mas aqui tem tanto espaço,
Tá mais pra um apartamento

Dedo no cu é tão bom,

é tão gostoso”

linn da quebrada (2017)

⁸ inúmeras denúncias podem ser encontradas, em especial em relação ao medicamento *depo-provera*, que em ambos os casos citados tem sido o fármaco principal nessas práticas eugenistas. para mais informação buscar: adonis diaries, eline gordts (2013), african national women’s association que levam a várias outras denúncias da mesma ordem.

~

mas bom, nós transamos (e aqui estou me referindo à heterossexualidade), nós parimos (e aqui estou me referindo à cissexualidade). e o parto também se faz razão de estado. e nós parimos de alguma forma, em algum lugar. o estado, através dessa política, diz-nos onde, como e quando parir. nessas prescrições, advém outra costura das multiplicidades do corpo da mulher. as condições “sanitárias” do parto, colocam em “risco” ou não o bebê e a mãe. o que é considerado um local e práticas seguras para realização de um parto se baseia em noções biomédicas histórica e geograficamente localizadas. o que acontece é que na articulação desses parâmetros de saúde e de cuidado, aparentemente isentos de carga moral, termina-se por marginalizar e indicar aquilo que não é “seguro”. aciona-se um “corpo biológico” para justificar a ida para o hospital e, ao mesmo tempo, o abandono de “práticas culturais”. a costura, portanto, dá-se na justificativa usada para que as mulheres rurais, por exemplo, desloquem-se até a cidade para parir, ao invés de receberem uma parteira ou doula na sua casa. esse fazer biopolítico baseia-se em dados estatísticos, como apontado anteriormente, em que a gestão das populações se dá através da utilização dos números para a promoção de políticas públicas. (foucault, 1978)

o texto aponta: “a taxa de mortalidade infantil entre os filhos das mulheres que não tiveram nenhuma assistência ao pré-natal e ao parto nas áreas urbanas foi de 42 por mil nascidos vivos e na rural chegou a 65 por mil nascidos vivos.”. marca, assim, uma diferença entre as mulheres da cidade e as mulheres da área rural, unificando esses corpos, unificando esses úteros como materialidades mesmas no que concerne a sua “biologia”. ao mesmo tempo, correlaciona esses dados com a distância entre os locais de saúde e de moradia das mulheres que vivem no campo, assim como o despreparo dos agentes de saúde em relação às especificidades delas e dos seus postos de trabalho. é uma costura multifacetada, poderia até ser um bordado, que se sobrepõe e se separa, onde as linhas se afastam e se encontram dependendo da necessidade de serem acionadas ou não. ao visualizarmos essas linhas que são também carne, vislumbramos também de que matéria somos feitas e podemos agir sobre elas, ser agentes, ativas, não aceitar a passividade que nos foi enfiada goela a baixo. é poder pensar que nós, (e agora esse nós é em relação a nós

agentes biopolíticos, psicólogas e psicólogos) fazemos parte dessa máquina estatal e dessa fábrica de corpos (e bebês) que podem ser cirurgicamente invadidos.

~

é sempre o mesmo remetente I

existem poucos momentos em que o mundo para e vc por um segundo não respira e todas as 7,2 bilhões de pessoas que compartilham gaia com a gente também não respiram e descobrimos que seguimos vivas por um acaso por uma sorte um detalhe e paramos todas de respirar o mundo subaquático dos nossos sonhos os escafandristas de séculos adiante que vieram espiar nossa intimidade nossos vais e vens os meus os teus a dissolução estável dos dias a surpresa de um domingo à tarde a revolta de quinta pela manhã todos os isqueiros perdidos um dorival caymmi que nos acaricia o coração surrado gasto e insistente

existem poucos momentos em que o mundo para e vc vê ao seu lado alguém que ao mesmo tempo reconhece e não lembra e esquece apaga memórias pra que novas possam ter lugar fazer casa casca em nós

existem poucos momentos em que sinto medo de que ao resetar o HD se veja tudo perdido nenhum rastro um cartão de memória novinho limpinho clean vazio e irrecuperável

mas aí vem o sol de novo me dizer que o medo é antigo inimigo e que se ele tivesse se deixado levar em face à tempestade rodopiante dos trópicos, já não voltava ao céu há muito

decido reparar os dentes o sovaco e as dobradiças a ver se dissipo seu som desesperante ou as manchas do excesso de cigarro café e mate

a ver se dissipo a turbulência dessa vida indigna das cidades dos castelos

a ver se dissipo o repé da cocaína (que nem sempre vem acompanhado dela)

a ver se dissipo o engodo e a mesquinhez

tudo isso (como já dizia o velho italiano)

pra se agarrar no que não é inferno

e abrir espaço

~

felicidade como razão de estado II

climatério/menopausa⁹

adoção de medidas

combate ao sedentarismo

disponibilidade de tempo para lazer e

dieta saudável

controle da

qualidade

de vida

hormônios

convivência

brusco desequilíbrio

entre

aptidão física

peso

estilo de

tabagismo

⁹ “Entre os sintomas que podem ocorrer no climatério/menopausa, alguns são devido ao **brusco desequilíbrio entre os hormônios** e outros estão ligados ao **estado geral da mulher** e ao **estilo de vida** adotado até então. [...] O aumento da expectativa de vida e seu impacto sobre a saúde da população feminina tornam imperiosa a necessidade da **adoção de medidas** visando à obtenção de melhor **qualidade de vida** durante e após o climatério. Nesse sentido, **o combate ao sedentarismo** ocupa lugar de destaque por ser um fator facilitador de doenças crônico-degenerativas, de elevada morbiletalidade. O combate ao sedentarismo melhora a **aptidão física** e favorece a **disposição para viver**. Aliada à atividade física adequada está a necessidade de uma **dieta saudável** e do **controle do peso**, o **não tabagismo**, a **disponibilidade de tempo para lazer e convivência** com familiares e amigos, a dedicação a uma **atividade produtiva** e o **acesso à informação**.” (brasil, 2003, p.43)

acesso à informação

atividade produtiva

estado geral da mulher

~

corpo uno, corpo múltiplo

como vai se constituindo esse corpo da política nacional de atenção integral à saúde da mulher? às vezes “biológico”, às vezes “social”? aciona-se essa separação como organizadora das ações dessa política. separam-se doenças com origem biológica (câncer, trombose) das problemáticas que teriam uma origem social (racismo, falta de acesso por falta de equipamentos, pessoal sem formação adequada...)

separações por grupos específicos, determinantes de saúde, vão criando versões diferentes dos corpos. a doença, no entanto, atua transversalizando essas determinações, indicando que a AIDS, por exemplo, que atinge a pernambucana do sertão é a *mesma* que atinge a paulista da capital. indica, também, que a AIDS medida em níveis laboratoriais seria a *mesma* daquela conferida em um atendimento clínico, onde a qualidade de vida daquela pessoa seria avaliada. mas como a própria mol observa em seu campo, nem sempre as diferentes maneiras de diagnosticar uma doença coincidem. porque a doença nunca é uma realidade anterior ao modo como é praticada, justamente, no laboratório, no consultório, na cama de alguém.

“os epidemiologistas que fazem normas estatísticas distinguem populações. se as normas estatísticas fossem feitas para “a população” como um todo, seriam sistematicamente elevadas demais ou reduzidas demais para vários grupos.” (mol, 2016, p.14) a estatística, então, “performa “mulher” como categoria biológica. porque implica que uma das formas de a diferenciar da outra categoria, “homem”, é comparando uma característica corporal” (mol, idem, 9.14), qualquer que seja a característica em questão. nesse sentido, a estatística é um dos agentes de fazedura

da diferenciação sexual, juntamente com a ginecologia, a psicologia, os exames laboratoriais, etc.

essas diferentes versões se sustentam numa lógica de que determinados corpos *são* os mesmos, ou pertencem a uma mesma categoria porque partilham mesmas características, a priori, sendo diferenciados por questões sociais, econômicas, geográficas, e até mesmo raciais. esses marcadores, no entanto, não entram nesse cálculo como elementos que, justamente, disputam o terreno no qual a realidade é performada.

além disso, podemos perceber ao longo da política em questão que a categoria mulher frequentemente é entendida como uma entidade única. A mulher, pressupondo, uma vez mais, que se trataria de um corpo *único* e coerente: cis, heterossexual, branco.

a literatura como corpo político

“Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo.”

conceição evaristo (2005, p.2)

~

algumas de nós somos mulheres sapatão mulheres que amam outras mulheres mulheres que transam com outras mulheres fazer sexo é um ato político a posição que você escolhe é um ato político o gozo que você experimenta ou o que você não experimenta é um ato político pra quem você abre suas pernas é um ato político pra quem você abre suas pernas pode ser motivo para você ser espancada na rua amar é um ato político amar é um ato de resistência amar é um ato de coragem um útero é do tamanho de um punho e meto o grelo na geopolítica

~

o corpo que pare III

Quantos tempos teceram teus vestidos de lã?

Quantas tranças os tempos fizeram traçar teus cabelos?

Quantos beijos beberam do teu peito o afã?

E dos seios sugaram o sulco sem dor, dos teus zelos

Senhora de saia, de ventre pré-destino

Quantos tempos cruzaram num ponto de cruz teu destino?

Mães de Jesus, oh virgens, todas virgens!

Mães de Jesus, oh virgens, todas virgens!

Mães

Já choraram teu choro, prantos correm na história

Feito rio que erode do espaço às margens: Trajetória

E dum choro contido, de branco e grinalda na média

Abusaram o desejo do corpo e teu sonho trajou de tragédia

Menina de saia de gozo pré-extinto

Quantos tempos bordaram o calado bordel de teu instinto?

Mães de Jesus, oh virgens, todas virgens!

Mães de Jesus, oh virgens, todas virgens!

Mães

Na sacola da feira, tem de besteira feijão

Tem também muitas eras de carga alçada em tua mão

Pudera ter tempo, senhora, tanto tempo pudera e tem

Do fruto da feira, vambora, tempos colheitas de tempo têm

Deles, tantos puseram, oh dona, de peso no saco da feira

Se de Madalena o filho, madona

Pesa mais

Não tem eira nem beira

Não tem eira nem beira

(as bahias e a cozinha mineira, 2015)

a carne vira a palavra

ian morland (2005) e judith butler (2011) apontam em direções que convergem e conversam quando explicitam a dimensão da *escritura* do corpo. butler (2011) vai dizer que para que um corpo *importe* (aqui tanto em relação ao estado e suas ramificações, como à subjetivação de maneira mais ampla), ele tem de se *inscrever* em determinados termos. a inteligibilidade de certos corpos, em contraposição àqueles que não o são, que conformam sua borda. morland (2005), por sua vez, coloca que a biomedicina, ao descrever as genitálias do corpo intersex como ambíguas, está performando uma genitália que seria difícil de *entender*. a biomedicina opera, em relação à intersexualidade, de forma a tornar o não-familiar em familiar, em tentar tornar a genitália “ambígua” (ilegível) em uma genitália pretensamente não-ambígua (legível). o objetivo é que a genitália possa ser *lida* (e, portanto, interpretada) pelos outros. morland relata, fazendo também uma escrevivência de si, que questionava-se se sua genitália ficaria *legível* para os outros, apontando que o “paciente” (e os movimentos políticos que podem representá-lo) também *escreve* esse corpo. assim como a biomedicina o escreve, ao intervir cirurgicamente nele. “ética e técnica convergem na possibilidade de que uma genitália possa ser lida depois de sua *reescritura* cirúrgica”. (morland, 2005, tradução minha) a genitália transformada é agora posicionada em uma narrativa de propósito, de que agora ela é funcional e pode ser *lida*.

a ideia de leitura, escritura e reescritura operada, nesse caso, pela biomedicina na constituição de materialidades, pode ser transposta para a forma como uma política de estado opera e governa, assim como para produções literárias que assumem, nessa perspectiva, uma dimensão de potência transformadora. ao ler, escrever, reescrever formas do ser mulher constituem-se carnes, vaginas, pênis, genitálias “ambíguas”, regras e exceções, normativas, pontos de abertura, escape e captura. constituem-se disputas cotidianas nos consultórios, nas bancas de jornal, no banheiro, no registro civil.

~

fragmento 2

curta efusão de palavras

aventura tímida de registrar a fenda
desistir da fluência
de todos os truques
da bruta castidade em que me aflige
(me reconheciam em versos naquele tempo)
porque talvez qualquer coisa tua me lembre
a mãe que era difícil percorrer
naquele tempo
preservar
as mesmas formas da pureza recusada –
nela reside a dúvida
a pele que refaço
(ana cristina cesar, 2013, p.361)

corpo que pare IV e corpo cindido II

Parto

Uma batida surda
dói ouvir
Viver viver
presa na gaiola
pássara
Já vi o infinito
fui constelação
Agora asteroide vagando
estrela cadente
dividi-me em duas

Dividida para não ser subtraída
fiquei inteira amolgada em cada pedaço
chorei porque eu nascia

(miriam alves, 2002)

~

nosso ficcionalizar constante do mundo é a chave de leitura para a "realidade".
nossas práticas se inserem nesse escrever/narrar/orar/intervir e é por isso que
esses processos me parecem de interesse para o campo psi, para a saúde, para
nossa formação. formatados em preceitos encaixotáveis, nossa *escrivivência* perde
em valor, em sentido, em potência. se nossa chave de leitura é sempre a mesma,
preocupada demais com um empirismo vazio e mentiroso, tiramos do outro e da
outra a possibilidade de ser outra(s) coisa(s), de se ins(es)crever de outra forma,
de encadear-se na linguagem criativamente. de ser íntima da palavra e brincar com
ela, *tomar o lugar* dela.

~



A mulher é uma construção

a mulher é uma construção
deve ser
a mulher basicamente é pra ser
um conjunto habitacional
tudo igual
tudo rebocado
só muda a cor
particularmente sou uma mulher
de tijolos à vista
nas reuniões sociais tendo a ser
a mais mal vestida
digo que sou jornalista

(a mulher é uma construção
com buracos demais

vaza
a revista nova é o ministério
dos assuntos cloacais
perdão
não se fala em merda na revista nova)
você é mulher
e se de repente acorda binária e azul
e passa o dia ligando e desligando a luz?
(você gosta de ser brasileira?
de se chamar virginia woolf?)

a mulher é uma construção
maquiagem é camuflagem

toda mulher tem um amigo gay
como é bom ter amigos

todos os amigos tem um amigo gay
que tem uma mulher
que o chama de fred astaire

neste ponto, já é tarde
as psicólogas do café freud
se olham e sorriem

nada vai mudar -
nada nunca vai mudar -

a mulher é uma construção

(angélica freitas, 2012)

com que roupa eu vou?¹⁰



com que roupa virá essa senhora

que agora se aposa

do nosso fardão?

não, não pode usar fardão

o homem já havia dito:

“deixem-nas entrar porque já trazem consigo as cadeiras”

mas, ora, se trazem as cadeiras não significa que

trazem as vestes

afinal

isso não se decide assim

de uma hora para a outra

o presidente Athaúde declara:

¹⁰ a partir de texto de heloísa buarque de holanda (2017).

“a presença de uma mulher em nossas sessões não muda nada.

a única coisa que vai mudar é o fardão”.

bem, então,

será bolero de toureiro,

dragona

ou alamar?

mandem entrar !

desfile pra lá

desfile pra cá

conte !

como se vestem as mulheres

no ceará?

bem, agora sim

está decidido:

longo

verde

gola em V

13 metros de crepe e

3 de lingerie

tudo para vê-la

sentada ali
em meio aos grandes
da literatura
ou seria da alta costura?

olhe, até que você
não é tão burra
e fica tão bem
nesse vestidinho
simples
requintado
mas sem a espada, é claro

~

no dia 4 de novembro de 1977, raquel de queiroz ficou oficialmente consagrada como a primeira mulher a entrar para a academia brasileira de letras. quarenta anos antes, a poeta amélia bevilacqua havia solicitado sua candidatura nos quadros da academia. o pedido foi negado. segundo a interpretação do estatuto vigente na época, a palavra “brasileiros”, por estar flexionada dessa forma, não contemplava as mulheres.

~

trampo¹¹

M. é uma mulher forte. está procurando algo em que se agarrar. porque força ela tem para agarrar-se e salvar-se da enxurrada. o que talvez M. não esteja

¹¹ escrito com pensamento nas mulheres em situação de violência que buscam o centro de referência em direitos humanos no qual fiz meu campo de estágio.

encontrando é justamente o *algo* para se segurar. tem buscado: redes de fortalecimento, outras mulheres, seus pares, sua espiritualidade... mas mulher forte por que você permanece? por que, mulher forte? são várias as formas de dominação, elas eclodem e deixam marcas e estamos falando da sujeita aqui e falando de sujeito estamos falando de desejo e este opera de forma a manter certas *amarras invisíveis* – tão difíceis de “combater” – o patriarcado que nos subjetiva, a instituição família, o casamento e a própria ideia de felicidade. retomando a conversa com foucault (1978) e ahmed (2008), a felicidade aqui é entendida como razão de estado e nesse caso atrelada a ideais de família e do que é realizar-se enquanto mulher. há desejo. M. fala que durante o casamento foi a única vez que pôde ver-se no lugar de quem pertence a uma família estruturada. o preço a ser pago é inestimável. hoje em dia, o timbre da voz dele a violenta.

~

É fim de semana. Decido encontrar uma amiga. Faz tempo que não ficamos algum tempo juntas, *de boa*, andávamos brigadas- nem sempre o amor basta. Mas, bueno, tínhamos tomado um trago não faz muito, vontade de estar juntas, aquele reconhecimento que só uma amizade antiga pode nos espelhar. Estamos fumando um cigarrinho, a noite não está muito fria, é um junho bastante ameno (em termos de temperatura). Estou levantando o copo para tomar mais um gole dessa cerveja que me acalma, a vida anda corrida, parece que não dou conta dos meus dias, chego atrasada em todos os meus compromissos. Mas é isso aí, vida que segue, afinal, estou tomando uma cerveja com as migas e é isso que importa.

AAAAAAAAAAAAAH!

ELE TÁ DANDO NELA!

EH! EH ! EH! PÓPARÁ!!

(nisso já estávamos na metade da quadra, correria, o cara, vendo o bando de loucas, já havia corrido também.) É nesse momento que recolhemos R. do chão, boca e olho sangrando, cabeça bastante machucada, desespero. Segue-se uma sequencia, atualmente bastante corriqueira pra mim, 190, batalhão, BO, DEAM, HPS, estratégias de segurança, etc etc etc. Mas teve alguma *outra* coisa aí. Fomos conversando, copo de água, copo de cerveja, cigarrinho, biriri. O que quebrou a repetição nesse dia foi o fato de que éramos três mulheres no início da situação e

terminamos dez. Cada uma que passava, olhava a cena e *sem dizer uma palavra*, sentava ao nosso lado. Mexeu com uma mexeu com todas.

É fim de semana. Decido encontrar uma amiga. Faz tempo que não ficamos algum tempo juntas, *de boa*, andávamos brigadas- nem sempre o amor basta. Mas, bueno, tínhamos tomado um trago não faz muito, vontade de estar juntas, aquele reconhecimento que só uma amizade antiga pode nos espelhar. Estamos fumando um cigarrinho, a noite não está muito fria, é um junho bastante ameno (em termos de temperatura.....

.....

.....

.....

....

caminho de pedra até chegar ali no canto esfumaçado meu castigo gueto

das vitórias esquecidas aquele suspiro do além mar da descoberta meu pé pra fora do edredon teu perfume impregnado o suor do presídio aquele cheiro que não sai mesmo com a farda trocada teu escudo no escuro uma noite qualquer na cela de nunca mais teus dedos machucados a contagem do tempo um relógio que ecoa teu lamento sombrio um vampiro a espreita a lágrima de deus a sós no clube da esquina vizinha que compartilha sonhos de justiça a obra embargada um trilho metal parede sem fim ponto

nova linha

de importados seção dos gestos de adeus uma pátria esquecida gritos de cassetete no anus ratos de ilhas solitárias procuram sentido de ser razão de estado

devir rato em solitária

ilha deserta

quem é que você salva?

~

a cidade onde envelheço¹²

(sobre duas mulheres que envelheceram e morreram na cidade de são paulo)

narizinho

guiomar novaes foi uma pianista paulista, nascida em 1894, em são joão da boa vista. aos quatro anos começou a tocar piano, aprendendo de ouvido com as irmãs (era ela a mais nova de dezessete irmãos). aos seis, tinha aulas e aos oito se apresentou pela primeira vez. aos quinze, paga pelo governo do estado de são paulo, vai para a França. é recebida pela princesa isabel, que na época morava no exílio. a respeito do processo seletivo pelo qual passou guiomar para entrar no conservatório de paris em 1909, um dos membros da comissão julgadora apontou: “eu estava voltado para o aperfeiçoamento da *raça* pianística na França...; a ironia habitual do destino quis que o candidato artisticamente mais dotado fosse uma jovem brasileira de treze anos”. guiomar se consagrou no mundo todo, recebendo prêmios e convites dos mais requintados, das famílias reais e dos estados-nação. foi grande divulgadora do trabalho de villa-lobos, participou da semana de arte moderna e morreu na cidade de são paulo, em 1979, aos oitenta e cinco anos. quando ainda criança, foi vizinha de monteiro lobato e conta-se que foi ela quem inspirou a construção da personagem narizinho.

carolina maria de jesus

nasceu em 1914, em sacramento, interior de minas gerais. foi uma escritora e compositora, que viveu na periferia de são paulo e testemunhou a desgraça do início do processo de favelização na cidade grande. foi traduzida para uma grande quantidade de idiomas, saiu da favela, morou mais no centro da cidade, terminou por viver em uma área rural no entorno da cidade de são paulo, vindo a falecer nesse lugar, em 1977. diz-se que foi descoberta por um jornalista e que carolina deveria ter recebido uma quantia muito maior de dinheiro do que recebeu por

¹² tomo de assalto o título do filme de marflia rocha, 2016.

seus direitos autorais, em contrato com editora estado-unidense. é considerada fundante da literatura de mulheres negras periféricas. conceição retoma a palavra de carolina para falar de escrevivência.

~

as palavras escapam

elas estão logo ali

ao meu alcance

quase toco a letra

erre

mas aí ela me

escapa

uma rima estúpida mas

uma esperança de escrita

leve

para além do buraco do mundo

deve haver alguma palavra

que se salve

desse inferno

que são as cidades

que são os castelos

sim, há de haver

alguma palavra que se

salve desse andor

desse ardor
da ardência infame
dos ânus calejados
dos meninos das
meninas
ÂNUS
Talvez uma palavra que se salve
o buraco do mundo
arde
y, mientras tanto,
ela só queria dar
mais uma
linha
~

a primeira vez que eu dei o cu foi bem ruim. eu não tava muito afim, ele insistiu, eu me achava careta por não fazer sexo anal. pouco desconstruída. pô, escorpiana boa de cama, como assim? então vamos lá, né, vamo dale. mas a seco, sem relaxar, ninguém consegue. a libertação sexual das mulheres veio também pra satisfazer os homens e suas fantasias nojentinhas. não foi bom.

a segunda vez que eu dei o cu foi ótimo. já tinha passado um tempo, o corpo já mais gasto, mais sovado, sofrido também. eu tava bem afim, ele não insistiu, eu já não me cobrava tanto para ser alguém que eu ainda não era. o cuspe que ajuda, o beijo grego¹³ que quem prova gosta, disso não tenho dúvida, mó climão. foi gostoso, a gente se curtiu, me senti desconstruída. foi daqueles momentos em que tu

¹³ beijo grego é o nome que se dá para sexo oral envolvendo o ânus.

descobre algo sobre teu corpo que não sabia que poderia existir, um antes e um depois, um tesão, uma dorzinha leve e quase orgulho de ter conseguido.

a terceira vez que eu dei o cu foi com ela. o dedo cuidadoso, o respeito, o tempo estendido, tudo molhado. outro corpo apareceu, uma outra forma minha, uma outra forma dela, a dupla penetração, nosso sexo era tão incrível que isso era só uma partezinha.

a primeira vez que eu comi o cu dele foi ótimo. ele já fazia isso há bastante tempo, escondido debaixo do chuveiro da casa dele, sem que ninguém visse, sem que ninguém desconfiasse das suas tendências pederastas, masculinidade intacta. devagarinho fui indo, me encaminhando para aquele ponto proibido, sacralizado, fui experimentando, ele foi deixando, se dilatando, eu fui enfiando mais, ele foi se abrindo mais, seus olhinhos começaram a revirar, eu fui gostando mais, ele tava em êxtase, eu nunca tinha me sentido tão ticuda antes, a própria dildotopia. que delícia.

~

mulheres lésbicas¹⁴

mulheres lésbicas

também são

mulheres

heterossexuais

lésbicas profissionais

¹⁴ “De acordo com o V Seminário Nacional de Mulheres Lésbicas, realizado em junho de 2003, a elaboração de políticas públicas precisa incorporar o entendimento de que as **mulheres lésbicas também são mulheres** e, portanto, devem ser contempladas no conjunto das ações de atenção à saúde da mulher. A agenda de necessidades de saúde desse grupo populacional diz respeito, dentre outras, ao atendimento na área da ginecologia, em que os profissionais partem do **pressuposto** de que a **vida sexual ativa** das mulheres é sempre de caráter **heterossexual**. Constatou-se, no mesmo evento, que as mulheres lésbicas ainda consideram que o câncer de colo de útero só afeta mulheres **heterossexuais** e, portanto, não se sentem mobilizadas para sua prevenção nem para a prevenção do câncer de mama. Para as mulheres **lésbicas profissionais do sexo**, um problema que se coloca é a vulnerabilidade pela exposição às DST e aids. [...] Não se pode desconsiderar, no entanto, a violência intrafamiliar contra adolescentes lésbicas, quando são expulsas do lar ou são vítimas de **violência sexual** por parte dos familiares ou outras formas de violência. [...] É preciso que os serviços de saúde disponham de profissionais capacitados para o atendimento às mulheres, considerando a possibilidade de parte da clientela ser composta por **mulheres que fazem sexo com mulheres**. [...]” (Brasil, 2003, p.49)

do sexo
também são mulheres
com
vida sexual
ativa
mulheres que
fazem sexo
com
mulheres

pressuposto
heterossexual:

violência

tempo nosso nosso tempo A G O R A

ou o fascismo mora ao lado

tempos de crise. é o que se diz por aí. quando o golpe se materializou em um fato político decodificável eu escrevi:

Ecos dentro da cabeça:

quanto sangue e quanto horror
quanto sangue e quanto horror
quanto sangue e quanto horror
a terceira margem do rio
a terceira margem do rio
a terceira margem do rio

A solidariedade é uma arma
A solidariedade é uma arma
A solidariedade é uma arma
Hay que armarse (no con armas blancas)
Hay que armarse (no con armas blancas)
Hay que armarse (no con armas blancas)
ratos na vagina
ratos na vagina
ratos na vagina
a terceira margem do rio
Xingú
Tapajós
Solimões
sempre estiveram aí
sempre estiveram aí
sempre estiveram aí
a solidariedade é
máquina de guerra
máquina de guerra
máquina de
tortura
o medo é nosso inimigo
o medo é nosso inimigo
os fascistas estão a fora
os fascistas estão ao lado
os fascistas estão a dentro
AR-MAR-SE
AR-MAR-SE
rumo à terceira
margem do
limbo
catadores de esperança do mundo,
uni-vos!

assumir a guerra
assumir a guerra
《de todos os dias》
rema
rema
rema
afogamento ou salvação?
que Deus não os perdoe,
e saibam que pela Terra nunca o serão
e nem por nós
e nem por nós
confronto com o real
confronto com o Real
confronto com
para saber como se sobrevive
ao fim do mundo
procure quem já salvou-se dele
algumas vezes
enquanto assistias ao show de horrores
nas telas dos televisores
rema
rema
rema

É sempre o mesmo remetente II

(escrito por g.)

"La vida es demasiado pobre para no ser también inmortal."

Eu queria ser estrela e viver em outro tempo, curioso seria experimentar a duração de milhares de anos e mesmo assim seguir sem saber o que é eterno. Faria cócegas perder tanta partícula de poeira e de repente se ver impregnado de novos pontos de luz, por vezes em dourado por vezes em cores que não saberia identificar, a

extensão quilométrica das minhas bordas rochosas não me permitiria ver sempre que alguém chegasse e sempre que alguém fosse embora. Ontem não faria sentido pra quem a cada instante se transforma e na não constituição da memória me perderia essencialmente em estática. As estrelas vivem em inércia? Ou elas seguem seus ciclos e direções por acaso programadas, se conjecturando com massas pesadas e tão distantes, transformando um bom dia de um terráqueo nascido sob a constelação de vênus. Talvez as estrelas se assemelhem com os pássaros em revoada e com as folhas secas em eclipse voando em dia quente de vento forte. Os meus poros andam tão impregnados de poeira e pensamento que o vento estanca e a circularidade é problema e não leveza. Algo a falar sobre os círculos são a sua constituição toda de pequenos pontos, como as partículas das estrelas, que nunca se fecham em si mesmas e dependem de um ponto distante e seguro de observação direta para serem materiais. Olho pro amor e espero resposta. Só encontro unhas agarradas bem fortes na minha própria hipocrisia. Morro em todos os tempos que desejo linear e sempre que acredito ter chegado à posse do significado do amor. E a morte é tão eterna quanto a própria vida e quanto o próprio tempo. Sempre que morro é como cair em abismos diferentes, Tateando com um cuidado desesperado até onde meu braço possa alcançar. Eu não sei o que é o amor. Eu só sei cair desajeitada e desejar fortemente que se abra sobre a minha cabeça para quedas. Por que quando caio dói e levantar é sempre mais difícil em terreno desconhecido, pisando pé por pé devagarinho, enquanto desejo já me perder dançando no meio dos caminhos. Posso nem ouvir ainda o som que me coloca a dançar, ou o silêncio que me guia, mas sei que posso olhar pra cima e ver que todo dia nasce, na mesma medida, quem se coloca a se pôr

~

desvencilhar-se da melancolia, aquela de segunda

Amadurecer pela manhã, esquecer-se pela tarde, sonhar acordada, experimentar meu veneno mas sobreviver e ter de lidar com isso, provar da picada medonha, deixar-se esquecer, lembrar a tardinha, escovar os dentes, recolher a roupa limpa, desatar nós, sentir saudade.

Sentir saudade de um tempo um tanto suspenso, em que se sabia e que não, em que minha cabeça não rodava assim incessante em volta de um mesmo

círculo

um mesmo

tempo um tanto secreto, salvo

a salvo das malícias milícias e assaltos

de almas vivas saudade

desse tempo um tanto

inexistente

virtual e

presente

o esconderijo o bunker o escudo anti-bombas

absolutamente

fascista

saudade daquela batalha

não

porque

findou

em derrota

ou

vitória

mas porque ela ainda carregava

alguma

potência

~

é sempre o mesmo remetente III

o pó de estrela, a substância dos nossos dias, o cálcio de lá e daqui. a rocha, a erosão, teus cabelos ao vento. minha promessa de sempre, palavras tolas e frouxas, um afago. uma vida inteira de sonho contigo, nosso desencontro no futuro - em virtualidade- nosso encontro no presente - em virtualidade - nosso encontro no passado - em virtualidade - nosso encontro - em virtualidade - a utopia.

pra minha tua surpresa ainda estamos aqui, a rocha, a erosão, teus cabelos ao vento de julho agosto setembro, eu sopro o pó de estrela que agora se deposita no canto da tua orelha esquerda, um pedaço de dente, nossa dentadura imperfeita.

seguro na tua mão, me perco na memória, o arrepio, a chuva. você me dá coragem.

~

trampo I¹⁵

como acolher o inenarrável?

estar 100% presente no aqui e no agora, disponibilizar o corpo como receptáculo, mas também como passagem. ao mesmo tempo, não aceitar o pedido (interno e externo) de ofertar uma resposta (porque, afinal, ela não existe). qualquer resposta dada naquele momento seria falha, pouco sensível e não alinhada com a parrhesia (foucault, 1983), no sentido de comprometer-se com a verdade do sujeito e com a nossa própria. ninguém tinha uma resposta. acolher o inenarrável talvez passe justamente por dar espaço para que a palavra possa tomar forma, atualizar-se no corpo. as perguntas que fizemos apontam para a busca de laço com o mundo dos vivos, com aquilo que ainda nos faz querer viver, querer seguir, no caso dela, resistir. lembro-me da alice “acolher histórias no lugar de colher depoimentos.” (de marchi, 2016) deixar-se afetar (com cuidado e proteções que encontramos singularmente) é também ferramenta. entendendo afeto como coloca spinoza, daquilo que ainda pode nos colocar em movimento, aquilo que traz uma duração e uma transformação na nossa potência de vida. não deixar-se anestesiado é ferramenta ético-política. colocar-se como remetente, não como igual, pois não o somos e jamais saberemos como é sua dor. dar as respostas que nos cabem. ser

uma cara um pouco menos perversa do estado. seguir nos espaços de luta por ela e por nós.

obrigada, alice. obrigada pela potência explosiva da missiva.

~

“que as coisas continuem como antes, eis a catástrofe.” (walter benjamin, 2013)

~

ei, menino, que bom ainda poder parar e falar sobre o filme que te provoca a queda de uma lágrima.

ao meu ícaro desasado

~



amazona guerreando com gregos

(esculturas retiradas da fachada do parthenon em athenas)

um corpo

decegado

um corpo

os milênios

um corpo

o mármore

um corpo

a murta

um corpo

o continente do

teu

corpo

uma história

contada

ao revés

um sonho

o templo

a casa

~

trampo II

nós não queremos mais ser essa humanidade. li isso nas costas de uma amiga na parada livre. foram das palavras de ordem que mais me identifiquei nos últimos tempos. nós não queremos mais ser essa humanidade. porque não basta, porque não nos serve, porque chega.

hoje, sento em frente a essa página em branco e as palavras querem sair de mim como se fossem elas próprias, ao saírem, que contam minha história, que dão corpo ao que vivi. elas dão contorno ao que não tem palavra para que talvez possa

ser narrável. minha trajetória começa e termina aqui, nessa vírgula, nesse acento, nessa tarde de terça.

saber quem se é necessário e constante porque mutável, olhar-se em exterioridade é desafio. ver-se no olhar do outro e devolver o olhar exigem um exercício sobre si mesmo que às vezes exaspera. um cansaço assoberbado (roubando a palavra de uma colega). lavar a cara todos os dias e robar os próprios olhos, não esquecer-se de si, de reparar na nova ruga ou na mancha no dente, chorar um pouco, se for necessário. tempo pra saber identificar o que é necessário. não perder os olhos por aí, como fez alguém que conheço.

as manchetes dispararam os números grotescos: 7º, 8º, 9º feminicídio. esse mês? essa semana? esfaqueada, espancada ou comida pelos cães

duas horas depois foi quando consegui retomar esse texto. não tive coragem de segui-lo, afinal, recém comentei que as palavras e vírgulas se apossaram de mim e abrem espaço pra aquilo que eu nem sabia que queria dizer. ser número é pressuposto para a gestão de políticas públicas, mas o dia-a-dia é composto de histórias singulares que por mais que em muito se aproximem, se atualizam em matérias únicas, que se alimentam, cada uma, de uma forma específica, com células que se reproduzem a sua maneira e à maneira dela, diferenciando-se toda vez. a sexta ou a nona, podem ter passado por ali, talvez nunca tenham chegado ao acolhimento, talvez na ida para a delegacia ele pegou ela, talvez o ônibus tenha demorado um pouco mais e esse foi o motivo para pensar um pouco mais e desistir de enfrentar a vergonha e o temor, e ver sua vida arregaçada aos olhos de civis fardados e bem intencionados.

não é a primeira e, infelizmente, não será a última. já nos ouvi falar isso durante os atendimentos algumas vezes, não exatamente com essas palavras, mas com um sentido parecido que parece atravessar certos enunciados. isso é um reconforto? não ser só na desgraça diminui a desgraça? talvez a pergunta é que esteja equivocada. o fato de que a cada uma que é violada, nós também o somos nos faz mais ou menos sós? temos realmente a possibilidade e capacidade de ser um nós? nossos laços de comunidade são fortes o suficiente para aguentar o tranco, segurar a onda, alcançar lenços de enxugar lágrimas?

os lenços de papel não são comprados há anos pela instituição, se é que um dia o foram. mas tê-los ali, como um gesto de misericórdia e também de clínica (no sentido de inclinar-se sobre), aponta uma dimensão do encontro que passa pelos objetos, pelo modo como sentamos, pelo barulho do teclado. ao estender o lenço, estendemos nossa mão, nosso literal inclinar-se, um aviso de que sim aquele espaço é para isso. às vezes, discretas, entregamos algumas lágrimas nossas também, que nos fazem lembrar que estamos vivas e ainda sentimos e que nosso

estar passa por nosso sentido de verdade, de trabalho, de futuro, de humanidade
(apesar e acompanhado do escrito na pele da amiga).

~

seção de adeus

ou pela permanência impermanente do mistério

é sempre o mesmo remetente IV

carta à otacílio¹⁶

pra onde?

ela cruzou o oceano, deveria ter aproximadamente 1,42 de altura naquela época, e, devido a essa estatura, lhe era difícil alcançar os olhos no horizonte de céu e mar. ela cruzou o oceano em busca de um novo mundo, ou isso foi o que chegou até mim, um mundo sem pobreza, com oportunidades, sem ódio e sem antissemitismo. sim, ela era judia e cruzou o oceano, sua pele, naquela época, não se dobrava em mil como quando a conheci já na condição de minha vó, e seu olho azul fundo (do qual herdo dentre outras condições posições peles e pelos) já trazia a marca de quem viu a tristeza do mundo, provou dela, mas decidiu e pôde seguir vivendo. aos 12 anos, saiu da polônia rumo ao brasil, onde há alguns anos se encontrava seu pai, já estabelecido, com algum sustento garantido. vejo-a parada no convés do navio, quase alcançando a borda do barco, olhando o mundo que se desfazia, pois quando vamos a outro continente é outro mundo que se cria (e eles insistem que suas leis imperem no nosso terceiro mundo daqui), mas voltando ao mundo dela que se desfazia e o olhar dela que se perdia numa imensidão sem fim e sem começo que eu nem acesso e sempre me pareceu que ela se perguntava alguma coisa olhando pro novo mundo. eu nunca soube bem o que, cheguei a perguntar pra ela enquanto presença em carne, mas ela sempre soube como desviar das minhas perguntas quando se tratava de mundo antes do novo mundo. agora, ao me encontrar com otacílio e com sua palavra que insiste em resistir, sinto que ele coloca palavras na boca dela, me desvendando um mistério (ou criando tantos outros que vem com a resposta de uma pergunta, ainda mais quando a resposta também se coloca como pergunta).

¹⁶ otacílio de oliveira júnior, autor da dissertação de mestrado chamada *entre a luta, a voz e a palavra: partilhas de sentido em torno de um sarau de periferia* (2016)

“por onde?” seria esse seu pensamento no convés do navio? por onde começar a trilhagem de uma nova vida, por onde se salvar no testemunho do impossível?

vejo-a ali, abrindo espaço para minha nossa existência e ela olha longe e fundo e eu lembro do astrônomo que disse que o mesmo cálcio de que as estrelas são feitas, é o composto dos nossos ossos.

~

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes

recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
o ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

(conceição evaristo, 1990)

~

o primeiro excerto escrevi para Otacílio, com o pensamento em minha vó, que veio da polônia em busca de um novo mundo no Brasil em um navio. a bisavó de Conceição veio em um navio também, mas com uma experiência radicalmente distinta daquela de minha vó. cruzar o oceano é um ponto em comum. o horizonte que elas podiam vislumbrar é de uma distância irreparável, mas, e é por isso que sigo, é memória e faz com que sejamos o que somos agora. nos compõe em materialidade ancestral. essas ancestralidades se atravessam mutuamente, constituem meu corpo, já que estamos em relação e só assim constituímos *humanidade*. e retomando as palavras de ordem das costas da menina “nós não queremos mais ser essa humanidade”. poder inventar outra humanidade pra nós e outras pra nós mesmas.

~

é sempre o mesmo remetente V

você

que perfuma minha cara

quando

entre tuas pernas

me perco

descobrimo que o mundo começa e

termina

ali

uma nascente

suja

e um tanto

úmida

todos os cheiros do mundo

o segredo o aconchego um

see you soon

bem ali

na minha cara

é sempre o mesmo remetente VI

hey

quanto tempo, hein? você aí vivendo a sua vida, eu aqui vivendo a minha. pudemos por algum tempo deixar em suspenso a existência um do outro, e ainda a deixamos na realidade. mas aquele momento do encontro, aquele instante em que te olho como se fosse a primeira e ao mesmo tempo a última vez, aquele segundo arrebatador e aterrorizante me reconcilia comigo. me reconcilia com a capacidade de sentir, com o ressentimento e aqui me vejo dormindo agarrada no nietzsche, ele sussurra no meu ouvido *“quanto sangue e quanto horror há no fundo de todas as coisas boas”* e eu escuto, meio dormindo meio acordada, descubro novos sentidos disso, ao mesmo tempo em que cubro o meu pé que agora sentiu

aquele calafrio da tua presença. me lembro que foi uma vitória chegar até aqui, apesar de todos os privilégios, todas as mãos na roda e as costas quentes, mesmo assim cheguei até aqui que é lugar algum mas que é algum lugar também e nisso tem meus pés e meus músculos e madrugadas sem fim e que sim há uma autoria, sim é a bandeira da nossa derrota, mas é uma bandeira e ela balança ao vento do fim da tarde e anuncia uma procissão incontrolável.

quanto tempo, hein? você era alguém que já não é eu era alguém que já não lembro. não sei se te reconheço, se me reconheço, percebo um erro, um bug na matrix, algo que não cabe nem bem ali e nem bem aqui. eram muitos sonhos e várias apostas, tínhamos alguma noção dos riscos, mas parece que nem tanto. sei que atiramos nossos dados à sorte, o que não sei, é se não esquecemos que a sorte quem dá somos nós. aquela senhora de humahuaca, que sempre acertava quais números iam sair nos dados que jogava, não adivinhava os números. ela própria tirava os dados de modo a saírem os números que havia dito. acaso e destino são uma coisa só. tão aí os oráculos dos infinitos mitos nossos para comprovar esse desacato à ciência.

quanto tempo, hein? todo aquele amor todo aquele tesão toda aquela utopia toda aquela destruição convergem nesse encontro ao acaso (destino?) num fim de tarde qualquer num sábado qualquer numa cidade qualquer. é, me reviro na cama e quem está ao meu lado já não é o moço do bigode aparado no séc XIX, mas uma senhora que fuma um cigarro e que me diz *“o que foi a vida? uma aventura obscena, de tão lúcida”*. é, hilda, que bom te reencontrar nessa noite fria, um acalanto sutil, desses que carregam todo o peso do mundo e que somente assim são capazes de nos salvar. uma aventura obscena de tão lúcida. essa lucidez quase insuportável. o coração-a-dias. fico pensando que essa vida é muito louca mesmo.

é sempre o mesmo remetente VII

acurrucada

ela me disse que essa palavra não existe. não, minto. ela disse que era uma palavra nova. pareceu estranho de princípio, pensei comigo que ela só estava falando

qualquer coisa pra não me deixar no vácuo. mas depois pensei que talvez fosse uma palavra nova pra nós talvez nosso vocabulário esteja mesmo um tanto escasso e que nossas palavras podem nos fazer ler de outro jeito esse hoje esse mundo que estamos vivendo agora. pensei que uma palavra nova transforma o dia, expande a possibilidade de atuar nossa história e isso me deixou feliz pra cacete. tá aí uma péssima escolha de palavra pra se trazer agora: cacete. ainda mais no romance sapatão. mas até que ela é sonora: CA-CE-TE. e tem certo peso, oralidade. ela me disse que era uma palavra nova e eu só queria que ela achasse que eu sou alguém nova pra ela, fresquinha, uma página em branco, sem palavra nenhuma. nem nova, nem cacete, nem adeus.

~

me contaram que numa palestra a conceição evaristo respondeu com um “não sei” a uma pergunta. ela disse que é importante não saber às vezes. que a vida pode te olhar e dizer: ih, essa daí tá muito sabidinha. e querer fazer rachar o chão, cobrar o preço. poder permanecer com o mistério. não por medo, mas por convicção.

~

arrumar a cama. você arruma a cama: tá linda, desperta, ativa. você arrumou a cama, olha pra ela e lembra que em algumas horas você vai voltar pra cama e chutar os lençóis e ter pesadelos e sonhos bons e despertar de novo e arrumar a cama e lavar a cara e ter uma ideia boa e desarmar a cama e chutar pesadelos e entrar em maus lençóis e arrumar a cara e ter uma boa lembrança e lavar os lençóis e estender os sonhos e despertar a fera e se esconder na cama e travar batalhas e trancafiar o monstro para voltar a soltá-lo numa noite qualquer

~

corpo população II

a máxima da ficcionalidade não tira qualquer materialidade do que se forja nessa relação. às autorias brasil, angélica freitas, conceição evaristo, miriam alves, maria carolina de jesus, judith butler, rebecca mendes, linn da quebrada, g. e todas as outras aqui presentes, não se confere um nível de maior ou menor veracidade, mas sobretudo uma diferenciação em termos de abrangência. se uma política nacional

ficcionaliza uma população toda, através de seus leitores, gestores e agentes biopolíticos, angélica ficcionaliza a si mesma, assim como os corpos das suas leitoras e os corpos com os quais suas leitoras se relacionam, assim como eu ficcionalizo a mim, meus amores, as pessoas que passaram por mim e aquelas que inventei. conceição ficcionaliza uma materialidade brutal e avassaladora, que justamente através da experiência, da escrevivência, comunica-se com a coletividade. brasil, freitas, evaristo e tantas outras estão forjando um mundo ao descrevê-lo, prescrevê-lo, ficcionalizá-lo. estamos forjando materialidades que ora se aproximam, ora se afastam e que se conectam em arranjos vários nesse corpo múltiplo que segue sendo performado como *um* corpo, com ou sem membros, com ou sem vagina, com ou sem órgãos, com ou sem diploma ou um estado na mão.

~

tolerar
fins
em aberto
enfrentar
dilemas
trágicos
e
viver
sob tensão
é
mais
isto
que se passa

(mol, 2016, p.16)

conversa com

AHMED, Sara. The politics of feeling good. In: *ACRAWSA e-journal*, Vol. 4, No. 1, 2008.

ALVES, Miriam. Parto. In: *Cadernos negros* n. 25, 2002.

BAHIAS e a cozinha mineira. Apologia às virgens mães. *Mulher*. São Paulo: Sentidos, 2015.

BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. 13ª ed. – Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

BENJAMIN, Walter. Michael Löwy (org.). *Capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. In: *Cadernos Pagu* (26), 2006.

BUTLER, Judith. *Bodies that matter. On the Discursive Limits of "Sex"*. Nova Iorque: Routledge, [1993], 2011.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Educação). – Universidade de São Paulo. - São Paulo, 2005.

CECCIM, R. B.; FERLA, A. A. Educação Permanente em Saúde. In: LIMA, J. C. F.; PEREIRA, I. B. (Orgs.) *Dicionário da Educação profissional em saúde*. - 2.ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008.

CESAR, Ana Cristina. *Poética*. 1ª ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

COHEN, Peter. *Homo Sapiens 1900*. Estocolmo: Peter Cohen, 1998.

CRENSHAW, Kimberle Willians. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Felix. *O que é Filosofia?* 3. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

DE MARCHI, Alice Pereira de Souza. *Modulações militantes por uma vida não fascista*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. – Rio de Janeiro, 2016.

DOS ANJOS, José Carlos. A filosofia política da religiosidade afro-brasileira como patrimônio cultural africano. In: *Debates do NER, ano.9, n.13*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2008.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: BARROS, Nadilza Martins de; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia, 2005.

_____. Vozes-mulheres. In: *Cadernos Negros, vol. 13*. São Paulo, 1990.

FREITAS, Angélica. *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Cosac Naify, 2012

FOUCAUL, Michel. *Repensar a política*; Ditos e Escritos v.VI ; Tradução Ana Lúcia Paranhos Pessoa ; - Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2010.

_____. *Segurança, território, população*: curso dado no College de France (1977-1978); tradução Eduardo Brandão. – São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. *O governo de si e dos outros*: curso no College de France (1982-1983); tradução Eduardo Brandão. - São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GORDTS, Eline. *Ethiopian women claim Israel forced them to accept birth control shots*. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/2013/01/28/ethiopian-women-israel-birth-control-shots_n_2567016.html> Acesso em: sete de janeiro de 2018.

HANSEN, Júlia. *Revista Modo de Usar & Co*. Disponível em <<http://revistamododeusar.blogspot.com.br>> Acesso em sete de janeiro de 2018.

HOLANDA, Heloísa Buarque de. *A roupa de Raquel – um estudo sem importância*. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/a-roupa-da-rachel-um-estudo-sem-importancia/>> Acesso em: sete de janeiro de 2018

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JUNIOR, Otacílio de Oliveira. *Entre a luta, a voz e a palavra: partilhas de sentido em torno de um sarau de periferia*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2016.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. In: *Educação & Realidade*. v. 28, n. 2. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2003.

_____. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. In: *Educação & Realidade*. v. 29, n. 1. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, 2004.

LUDDITAS Sexxuais. *Manada de lobxs: Foucault para encapuchadas – 1ªed.* milena caserola, 2014.

MOL, Anne Marie. *The body Multiple: ontology in medical practice*. - Durham /Londres: Duke University Press, 2002.

_____. Política ontológica: algumas ideias e várias perguntas. In: MOL, Anne-Marie. *Objectos impuros: experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

MORLAND, Ian. ‘The Glans Opens Like a Book’: Writing and Reading the Intersexed Body; In: *Continuum: Journal of Media & Culture Studies*. Vol. 19, No. 3, 2005.

QUEBRADA, Linn. Dedo nucué. *Pajubá*. São Paulo: Badsista, 2017.

ROLNIK, SUELY. *Cartografia Sentimental, transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROCHA, Marília. *A cidade onde envelheço*. Belo Horizonte: Vitrine Filmes, 2016.